

Do autor

Definição (poesia), UEA, 1985, Luanda

Fabulema (poesia), UEA, 1986, Luanda

Poemas Angolanos (poesia), UEA, 1989, Luanda

Tanto Amor (poesia), UEA, 1989, Luanda

Canção do Nosso Tempo (poesia), UEA, 1991, Luanda

Menção Honrosa do Prémio Sonangol de Literatura 1989

Jornalismo e Política (ensaio), UEA, 1991, Luanda

O Caçador de Nuvens (poesia), UEA, 1993, Luanda

Limites & Redundâncias (poesia), INALD, 1997, Luanda

Menção Honrosa do Prémio Sagrada Esperança 1997

Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir (contos), 1.^a ed.,

UEA, 1998, Luanda; 2.^a ed., Editorial Caminho, 1999

Menção Honrosa do Prémio Sonangol de Literatura 1996

Filhos da Pátria (contos), Editorial Caminho, 2001

JOÃO MELO

FILHOS DA PÁTRIA

Contos

COLECÇÃO LETRAS ANGOLANAS - 8
LUANDA
2001



O elevador

1.º

Até onde é capaz de ir a capacidade de humilhação do ser humano? É tão grande como a sua capacidade de adaptação? E, afinal, a adaptação — o que é exactamente? Sim, o que é ser ou estar adaptado? O problema é que essa palavra, aparentemente simples e de fácil entendimento por todos os mortais, está normalmente associada a outras com as quais ele embirra de maneira solene e radical, como, apenas para dar dois exemplos, acomodação ou ajustamento. Estar adaptado, portanto, seja a uma pessoa, a uma instituição ou a uma situação, quer dizer, a um *status quo* (expressão que infelizmente tem caído em desuso, talvez porque, nos tempos que correm, o *status quo* é só um, ou seja, perdeu o *quo*, transformando-se em estado unânime e universal, também chamado global, de tal maneira que hoje praticamente mais ninguém luta contra o *status quo*, a não ser que tenha suficiente força anímica para suportar os rótulos pouco abonatórios com que passará imediatamente a

ser designado), é não fazer ondas? É ser dócil, mesmo quando se é espezinhado? Em suma, a adaptação implica concordar em se ser domesticado, como um simples cão cabíri? Pedro Sanga olha para a jovem que está com ele no elevador, a pele de um preto esbranquiçado (tonalidade que apenas será uma contradição em termos, como se costuma dizer, para quem não conhece este fantástico país chamado Angola, a terra do futuro...), uma cabeleira loira visivelmente artificial, a blusa vermelha semitransparente deixando apreciar quase totalmente os seios (se é que aqueles seios tipo ovo estrelado são dignos de qualquer apreciação!...), *colants* de leopardo justinhos às coxas e uns sapatos altíssimos, azuis e doirados, que mal a mantêm equilibrada (*Será que esta gaja vai ter com o «Camarada Excelência»?*), e tem vontade de começar a rosnar, tão mortificado estava.

2.º

Domesticado é o que ele nunca fora, em toda a sua vida. Nem domesticado, nem acomodado, nem ajustado, nem modelado, que é outra palavra que agora lhe vem à mente, a propósito da palavra adaptação, mas que, em princípio, não voltará a ser utilizada. *Um homem é um homem, um bicho é um bicho!*, repetia ele, quando a mulher o aconselhava a tentar adaptar-se aos novos tempos, a ser mais flexível, enfim, a acomodar-se, como toda a gente que tem filhos para criar, como eles. *A adaptação é luta e não acomodação!*, acrescentava. Para ele, os homens, quando põem pela primeira vez o pé na vida (melhor dito, a cabeça, que é a posição natural mais

adequada para os nascimentos, lembrança que não deixa de permitir uma interpretação interessante, que deixo à sagacidade dos leitores...), assumem, queiram eles ou não (aliás, e como todos sabemos, ninguém é consultado na altura sobre isso), não apenas responsabilidades naturais, mas também sociais e históricas, pelo que os verdadeiros adaptados são aqueles que são capazes de enfrentar este mundo reconhecidamente ingrato e cruel, denunciando e lutando contra as suas imperfeições e, sobretudo, contra todos aqueles que eventualmente (ou não tão eventualmente assim, mas isso é outra maka, a qual, posso tranquilizá-los, não será objecto do presente relato) sejam por elas (as imperfeições do planeta que Yuri Gagarin disse ser azul) responsáveis. O que faz o mundo andar para a frente (continuamos, por enquanto, a acompanhar as teorizações de Pedro Sanga, não no elevador onde ele está, acompanhado, por mero acaso, de uma figura estranhíssima — que, já agora, podemos considerar um exemplar autóctone da estética neobarroca que, segundo alguns, caracteriza a pós-modernidade —, mas em casa, diante da mulher dele, a qual, posso garantir-lhes, é uma pessoa bastante mais simples) são as fricções e contradições e, nesse sentido, ninguém se deve furtar a assumir o papel que lhe cabe nessa luta de contrários, para usar outra expressão em desuso. *O meu papel é este!*, chegava ele, então, a entusiasmar-se consigo próprio, embora sem maiores detalhes sobre o seu auto-proclamado papel, pecadilho que espero os leitores relevem, pois os tempos em Angola (e no mundo) estão realmente muito difíceis e confusos. Era o que, aliás, fazia a mulher dele: quando a discussão chegasse a esse ponto, retirava-se discretamente, deixando-o a falar sozinho. Quanto à mulher do elevador,

limitou-se a exclamar, quando ele lhe perguntou, *Não concorda comigo?*, que:

— Xé, eu não sou puta, então!...

3.º

Ele e Soares Manuel João, mais conhecido, durante a luta de libertação nacional, como Funje com Pão, por razões que dentro em pouco saberemos, tinham combatido contra o *status quo* colonial. Estiveram juntos em todas as frentes, que só não menciono, aqui, por estar consciente (e de certo modo acomodado a isso) de que, por um lado, os mais velhos têm uma visão cada vez mais romantizada e rarefeita da história (para não dizer interessada ou até mesmo, utilizando uma palavra ainda mais dura, interesseira, pelo menos em alguns casos) e de que, por outro lado, a juventude não dá a menor importância à mesma, o que é profundamente lamentável, pois quem não conhece (e não assume) o seu passado torna-se presa fácil dos prestidigitadores do presente. Mas o que será amanhã deste país, se os autoproclamados herdeiros de fortunas anteriormente inexistentes e todos os acumuladores primitivos de capital, os neofundamentalistas, os pseudo-intelectuais e os médiocres de toda a sorte continuarem a ocupar todos os espaços assim? Estes contundentes pensamentos tiveram o condão de mortificar ainda mais Pedro Sanga, que teve vontade de fazer parar o elevador e voltar para baixo. Como, porém — veja-se os exemplos históricos disponíveis, como a escravatura, os campos de concentração nazis ou o genocídio tribal no Ruanda —, a capacidade de humilhação dos seres humanos parece ser infinita, não o fez, deixando

o aparelho prosseguir a sua viagem até ao último andar do prédio em cujo terraço Soares Manuel João tinha o escritório da sua empresa, «*com vista para a Marginal, meu! Um espectáculo! Quando aceites a minha proposta, vai lá ter comigo!*». Para que os leitores que conhecem Luanda não desconfiem do presente relato — e sendo sabido que os elevadores foram um dos artefactos que, para recorrer a uma expressão popular, «o colono levou» após a independência do país —, informe-se que, nos últimos tempos, começaram a ser edificadas alguns prédios completamente novos na cidade, os quais, naturalmente, estão apetrechados com esses equipamentos e não só. *Por enquanto, isto funciona!*, pensou Pedro Sanga, evitando assim que o narrador seja tentado a fazer novos comentários, talvez despropositados, talvez não, a respeito dessa expressão, podendo, com isso, ser facilmente acusado de antipatriota.

4.º

Será que o «Camarada Excelência» ainda continua a comer funje com pão?, interrogou-se Pedro Sanga quando o elevador começou a passar pelo 4.º andar. Em vez dessa forma verbal reflexiva, eu poderia afirmar que ele, como sói dizer-se, havia feito essa pergunta aos seus botões, se acaso nesse dia ele não tivesse vestido um bubu sem botões, idêntico às roupas que ele e Soares Manuel João, assim como muito boa outra gente, claro, usavam em Lusaka, quando tinham algum período de descanso e deixavam as áreas de guerrilha, indo, portanto, para a capital zambiana. Não deixou o bubu, entretanto, de ter outra utilidade, em termos, digamos assim, de concatenação

de ideias, pois foi ao ter reparado nele e, sobretudo, depois de se ter lembrado dos outros bubus que toda a gente, afinal, usava durante o épico período da guerrilha, que Pedro Sanga se recordou, não conseguindo, compreensivelmente, evitar um sorriso, do motivo por que o Soares passou a ser conhecido como Funje com Pão. Acontece, muito simplesmente, que ele não comia funje se não tivesse pão para acompanhar o referido prato! A exclamação justificase plenamente, aqui, uma vez que comer funje com pão é uma espécie de heresia que os angolanos apenas perdoam porque, apesar da sua fama de makeiros, não deixam de ser cordatos e gentis. Pedro Sanga, de repente, torna-se menos crispado, não se sabe bem porquê, mas imagina-se: é que as lembranças, quando são amenas, têm esse poder relaxante (suavizador, tranquilizador, como quiserdes...), que torna, naturalmente, as nossas visões menos dramáticas e apocalípticas... Porém, quando lhe vem à mente a outra expressão pela qual, ultimamente, Soares Manuel João passou também a ser conhecido («*Camarada Excelência*»), volta a ficar outra vez tenso. A figura neobarroca não sabe se lhe deve fazer olhinhos oblíquos ou se se encolhe cada vez mais num dos cantos do elevador.

5.º

Pelos vistos, ambos tinham combatido contra o *status quo* colonial, mas o novo *status quo* que queriam edificar no país não coincidia. Inclusivamente, naquele tempo, ou seja, no tempo em que os dois combatiam de armas na mão contra o colonialismo português (e não, claro está, no tempo em que decor-

re a presente narrativa e Pedro Sanga pode ser observado dentro de um elevador, num dos raros novos prédios edificadas em Luanda após a independência do país, com uma cara visivelmente carregada), o Soares era muito mais radical do que ele. Misturando, de forma desconexa, mas convicta, uma retórica marxista absolutamente vulgar, mal colada a cuspe, com violentos sentimentos raciais e tribais, fruto de contraditórios complexos que lhe ardiam na memória, mas que o narrador não vai esmiuçar, dizia que os catetes é que teriam de mandar na Angola do futuro, pois eram os únicos que já tinham estudado, como o demonstrava, aliás, o exemplo de Agostinho Neto, poeta, médico e revolucionário, que iria conduzi-los até à vitória final. Nessa «Angola do futuro» que o Soares projectava, seria criado «*um homem novo*», que teria a missão de edificar o socialismo científico, o regime mais avançado da história da humanidade, onde todos os homens são iguais, sem burgueses, nem proletários, nem brancos, nem mulatos «*e muito menos bailundos*». Pedro Sanga jamais chegou a esclarecer se o Soares — que sabia perfeitamente que ele era natural do Bié — lhe dizia isso propositadamente, para espezinhá-lo, ou se se tratava de uma daquelas contradições do ser humano — mais habituais do que alguns imaginam —, que (o artigo que usarei a seguir refere-se, como é óbvio, ao ser humano em geral e não apenas ao Soares) o costumam atrair precisamente para aquilo que, no mais secreto e por vezes mais vil recanto da sua alma, odeiam profundamente. Ódio? Talvez não... Como estou a tentar dizer, o homem é um bicho altamente paradoxal. Será ódio, portanto, a palavra mais apropriada? Por outro lado: será de facto inevitável que todo aquele que ontem era odiado passe hoje a odiar quem o odiava

anteriormente? Bem, tudo isto é um pouco confuso. A verdade é que ele e o Funje com Pão eram amigos. De tal maneira que, depois da independência, quando, inevitavelmente (afinal, ele pertencia ao clã dos catetes), o nomearam ministro, Soares Manuel João chamou-o para seu director de gabinete, em detrimento de uma prima luandense, o que, a princípio, lhe pareceu um acto de coragem e, simultaneamente, de consideração para com a amizade que há tanto tempo os ligava. De repente, e talvez porque o ridículo espreita sempre por detrás de qualquer experiência humana, mesmo da mais grandiloquente, Pedro Sanga é assaltado por uma lembrança que o faz recuar até muitos anos atrás, quando o Soares recebeu uma delegação inglesa no seu gabinete, exactamente às treze horas, e deu uma de britânico, propondo que tivessem, enquanto negociavam, «*um almoço executivo*», ali mesmo no gabinete dele, para não perderem tempo; os carcamanos ainda não tinham tido tempo de responder, estupefactos com a inovação, para eles, por certo, absolutamente improvável em plenos trópicos, quando o Soares abriu resolutamente uma das gavetas da secretária e tirou de lá um pratalhão de funje, uma mistura de vários peixes e ervas nadando num abundante e espesso molho amarelo, com uma pasta meio gelatinosa e escura e dois pedaços de pão que pareciam ali um tanto deslocados (esta a visão rápida dos súbditos de Sua Majestade). Ainda hoje, Pedro Sanga não pode deixar de rir quando evoca este episódio. Tem mesmo vontade, agora, de contá-lo àquela mulher que vai com ele no elevador, mas contém-se, na hipótese (*A gaja continua aqui; será que vai também até ao último?*) de ela ser «*mais uma quitata do Soares*».

6.º

Como é que este gajo ficou assim? O tipo sempre foi o mais radical do nosso grupo, defendia que na Angola do futuro as classes deveriam ser abolidas e a exploração do homem pelo homem, extinta para todo o sempre — como é que se transformou assim num novo-rico nojento? Se Pedro Sanga fosse adepto das teorias relativistas, hoje tão em voga (um tanto perigosamente, diga-se de passagem...), deixaria certamente de ser tentado a dramatizar tanto a metamorfose do Funje com Pão. Com efeito, não é a primeira vez que isso acontece na história da humanidade, nem será a última. Se observarmos bem, todos os dias nos deparamos com uma quantidade considerável de radicais que, na prática, renega as suas próprias teses ou então — o que constitui o outro lado da moeda — passa a defender com o mesmo radicalismo teses diametralmente opostas. Seja como for, Pedro Sanga não podia deixar de espantar-se com alguns factos. O primeiro é que o Soares, mal chegou a Luanda, deixou a mulher e passou a viver com uma mulata (*«As mulatas são o animal doméstico mais perigoso do mundo! Nunca leves nenhuma para casa!...»*, dizia ele antigamente. Será que já o esqueceu?). O segundo é que, enquanto foi ministro, conseguiu duas casas em Luanda e uma quinta em Viana, além de ter montado uma autêntica frota de carros de vários tipos, cores e tamanhos (turismos utilitários e de luxo, jipes, carrinhas, etc.) sem ter gasto um tostão, mas apenas abatendo à carga os veículos do próprio Ministério. O terceiro é que, segundo os mujimbos, adquiriu igualmente um apartamento em Lisboa, mais concretamente, em Massamá, na freguesia de Queluz. Entretanto, e se o nar-

rador não quiser ser acusado de naïfe, tem de explicar que os factos que tanto perturbam Pedro Sanga, ainda hoje, dentro do elevador onde ele se encontra, constituem tão-somente uma espécie de arqueologia do que estava para suceder a partir dos anos 90, na nossa terra bem amada, quando o socialismo esquemático foi implacavelmente substituído pelo capitalismo mafioso (expressões que vão escritas sem aspas para não lhes retirar a credibilidade, uma vez que, acreditem ou não, correspondem a dois exemplos efectivos e concretos da famosa criatividade dos angolanos), ou, para utilizar a expressão do velho guerrilheiro Braço do Povo — que acaba de entrar no relato trazido pela memória torturada de Pedro Sanga —, tudo isso não passa de uma *«brincadeira de crianças»*, perante os factos que aconteceram nos últimos dez anos. *«O Funje com Pão está podre de rico!»*, disse Braço do Povo a Pedro Sanga, há dias, quando se encontraram, depois de muito tempo sem se verem, no funeral de um antigo camarada. *«Então tu continuas lá no Ministério e não sabes que ele ficou com as principais empresas do sector, depois das privatizações?! Estás a dormir ou quê?!... Aliás, não és só tu, nem eu... O problema é que, enquanto a malta estava, digamos assim, distraída com a Revolução, sempre houve alguns, mais vivos do que todos nós, que já se estavam a organizar!...»*

7.º

Pedro Sanga, mesmo a contragosto, tem de apreciar a capacidade de adaptação do Soares. *Como diria a minha mulher, o gajo é que sempre soube adaptar-se às situações!* Realmente, lutou contra o

status quo colonial quando, pensando bem, quase toda a sua geração o fez. Com o advento da independência, não hesitou em ser ministro, apesar de saber perfeitamente (o amigo queria acreditar nisso) que não possuía nenhuma formação específica para o lugar que lhe foi oferecido. Espantosamente (Pedro Sanga ia a dizer admiravelmente, mas recuou a tempo), aguentou-se como ministro durante mais de quinze anos, pois, apesar de não tugir, também não mugia. Quando chegaram os anos 90 e o sonho (se os leitores forem menos ingênuos do que a personagem que está a proceder mentalmente a este resumo do percurso individual de Soares Manuel João, também conhecido como Funje com Pão e como «Camarada Excelência», podem, naturalmente, substituir a palavra «sonho» por «aventura») socialista foi enterrado, sem pompas, mas devido a uma circunstância que jamais poderia, obviamente, deixar de ser ponderada pelas elites (como ensina o conhecido adágio, *era preciso ceder os anéis para preservar os dedos, isto é, o poder*), teve o discernimento necessário para, mais uma vez, captar os chamados sinais do tempo, pediu para sair do governo e comprou (*certamente por uma bagatela...*) as principais empresas que ele próprio, como ministro, tutelava anteriormente, tornando-se assim, formalmente, um dos primeiros capitalistas autóctones angolanos. *O Braço do Povo tem razão: de facto, eu estava muito distraído! Como é que não percebi que o Funje com Pão, afinal, já se estava a organizar há muito tempo?! (Ele usava o verbo «organizar», no sentido que lhe está subjacente aqui, com evidente relutância.) De todo o modo, ainda lhe custava acreditar que o Soares se tinha realmente acaparado com as principais empresas do Ministério, pois toda a papelada relativa às privatiza-*

ções tinha passado pelas mãos dele, Pedro Sanga, que, meticoloso e cumpridor como era (ou «burro!», no entender agastado da sua própria mulher), não tinha notado nada de anormal. *Será que esta puta também acha que sou burro?*, questionou-se, não deixando de observar a mulher que ia com ele no elevador, mas, aqui entre nós, estou sinceramente desconfiado de que o mundano adjectivo que ele utilizou estava endereçado à primeira, ou seja, àquela mulher com quem ele estava casado há quase trinta anos, hipótese que só quem nunca foi casado pode pensar que é improvável. O narrador deixa aqui esta referência como mera provocação, a qual, porém, não poderá ser desenvolvida, pois a viagem de Pedro Sanga está prestes a chegar ao fim.

8.º

A vida é cheia de coincidências. Isto é um lugar-comum mais do que notório, mas é nisso, precisamente, que Pedro Sanga pensa agora, ao lembrar-se da visita que lhe fez o Soares, apenas dois dias atrás. Na verdade, e apesar de toda a amizade que os unia, tinham deixado de se ver há muito tempo. Cerca de um ano depois de Soares Manuel João ter deixado o cargo de ministro, Pedro Sanga recebeu uma proposta para ser adido financeiro da Embaixada de Angola num país africano, onde esteve aproximadamente três anos. Regressou de lá um tanto desiludido, por causa de umas «situações esquisitas» que, entretanto, nunca revelou a ninguém, e com menos poupanças do que ele e a mulher tinham imaginado, pois a vida no exterior não é tão fácil como muita gente pinta. Quando chegou, resolveu voltar para o

seu antigo emprego, para o qual havia sido nomeado um novo ministro, jovem, simpático e com fama de competente, que o colocou como secretário-geral do Ministério («*Sei que conhece a casa como a palma da sua mão!...*», dissera a Pedro Sanga o novo titular da pasta — expressão especialmente apreciada pelos jornalistas nacionais —, para justificar a sua colocação nessa função). Do Funje com Pão ia tendo algumas notícias esparsas («*O gajo está bem!*», «*Safou-se, o sacana!*», «*Parece que está metido com os libaneses...*» e outras similares), viu-o duas ou três vezes na rua, mas nunca mais tinham estado juntos a conversar, como antes. Talvez (esta hipótese é da minha lavra, mas podia ter sido perfeitamente inventada pela personagem, por quem o narrador, se lhe for permitido confessá-lo, nutre, como já terão os leitores percebido, uma igualmente notória simpatia) o novo estilo de vida do ex-ministro tivesse criado uma espécie de bloqueio na cabeça de Pedro Sanga, impedindo-o de procurar pelo velho amigo, agora convertido, segundo os mujimbo, às maravilhas do capitalismo. Desenvolvendo um pouco mais a hipótese, arrisco-me mesmo a dizer que Pedro Sanga preferia que o Funje com Pão o procurasse e não o contrário. *É verdade que eu mudei de casa, mas, porra!, porquê que o tipo nunca me ligou para o Ministério ou nunca foi lá à minha procura?* O Soares explicou-lhe, dois dias atrás, quando descobriu a casa dele: — *«Epã, sabes como é... Eu já fui ministro daquela mututa, o que é que as pessoas — a começar pelo miúdo que o presidente lá colocou!... — vão pensar se, de repente, eu começar a aparecer à toa ou a telefonar a toda a hora?... Eu não quero makas com ninguém, agora estou porreiro, estou a cuidar os meus negócios, não quero chatices desnecessárias...*

Mas, realmente, há muito tempo que estava a precisar de falar contigo! A maka é que ninguém me sabia dizer onde é que estavas a morar agora... Há dias é que encontrei o Braço do Povo, que me disse que esteve contigo no funeral do Dimitrov; ele é que me deu o teu endereço...» Como não é difícil imaginar, para quem é angolano ou, como se costuma dizer, «já bebeu água do Bengo», o reencontro de Pedro Sanga e Soares Manuel João durou horas e horas, meteu várias garrafas de uísque (Funje com Pão fez uma concessão ao amigo e concordou em beber uísque novo), muita cerveja, petiscos, estórias, anedotas, mujimbos, intrigas e, para usar outra expressão também muito corrente, pelo menos em certos círculos, «tudo o mais quanto é». O narrador, porém, deve apressar-se, pois o que interessa, aqui, é revelar o motivo central da visita de Soares Manuel João ao seu velho amigo Pedro Sanga, o qual (motivo), aliás, é precisamente o mesmo que explica a presença deste último, acompanhado — embora, já o disse, por mero acaso — de uma mulher bizarra, no elevador que, neste exacto momento, começa a parar no último andar do prédio onde está localizada a empresa do ex-ministro. «*Ouve, Sanga!...*», dissera Funje com Pão, «*Antes de ficarmos completamente chupados, tenho de te falar num assunto sério. Na verdade, preciso de um favor muito importante da tua parte! Mas, fica tranquilo: negócios são negócios! Portanto, não deixarás de ganhar algum...*» (Quando ele disse isso, Pedro Sanga ajeitou-se melhor na cadeira, visivelmente incomodado.) «*Como sabes, a minha empresa participou numa consulta para o fornecimento de equipamentos para o vosso Ministério. Segundo fui informado, o ministro não vai muito com a minha cara, mas tu tens de fazer tudo para que a malta*

fique com esse contrato! Como secretário-geral do Ministério, a tua opinião é fundamental; portanto, poço-te que uses de toda a tua influência para ganharmos isso... Se quiseres, posso dar-te alguns argumentos técnicos, que poderão ser úteis para tu fazeres o teu parecer... Quanto à tua parte, não te preocupes: dez por cento são teus! São as regras do mercado...» Quando o elevador, finalmente, pára, a mulher que tinha acompanhado Pedro Sanga durante a viagem de oito andares e a quem ele, naturalmente, cede a passagem lança-lhe um olhar enigmático. Mentalmente, ele repete a questão inicial: — *Até onde é capaz de ir a capacidade de humilhação do ser humano?*

No terraço

Pedro Sanga voltara a colocar essa questão a si próprio, pois, assim que o elevador parou, recordou-se, com insuportável nitidez, das palavras que a mulher lhe tinha dito, quando o Funje com Pão deixou a casa deles. Se essas palavras, como já se verá, não serão aqui reproduzidas, isso não se ficará a dever a qualquer preconceito do narrador, moral, ideológico ou — valha-me Deus! — de género, mas apenas ao facto de ser igualmente muito fácil, segundo penso, imaginar que palavras foram essas. Com efeito, a mulher de Pedro Sanga interveio apenas duas ou três vezes no presente relato, de forma breve e epigramática, mas as suas sentenças (mesmo quando simplesmente evocadas pelo marido) foram sempre muito claras e sintomáticas (ia a escrever «denunciadoras», mas retiro-o, para não me contradizer). Seja como for, e se acaso o leitor ainda não imaginou que palavras foram essas — e que, digo-o agora, Pedro

Sanga associou desde o princípio da narrativa a esse termo simultaneamente forte e deprimente que é «humilhação» —, o desenlace da presente estória falará por si. Acontece que, enquanto andava eu entretido, talvez abusivamente, com este jogo de palavras, Pedro Sanga, depois de ter dito à secretária que queria falar com o senhor Soares Manuel João (felizmente, lembrou-se a tempo do aviso do Braço do Povo: — *«Não lhe chames mais Funje com Pão, que ele não gosta! A secretária dele chama-lhe “Camarada Excelência”...»*), já estava sentado diante do amigo, que exclamava: — *Trinta por cento? Caralho!, Sanga, ainda há dias me dizias que não eras desses e agora queres trinta por cento!?!... Aprendeste rápido, hein!?! Vá lá, vinte por cento e fechamos o negócio...*, ao que ele respondeu com um *«Feito!»* que lhe saiu da garganta como um murmúrio envergonhado, enquanto esfregava as mãos que, de repente, tinham ficado húmidas de suor. As cenas seguintes foram, pelo menos para Pedro Sanga, dignas de um pesadelo. A secretária entrou na sala e disse: — *Camarada Excelência, a dona Josefina pergunta se continua à espera ou se o chefe depois passa em casa dela...?*, o que pareceu ter sugerido a Soares Manuel João alguma coisa, que passou imediatamente a pôr em prática. Levantando-se, foi ele próprio buscar à sala da secretária a mulher de peruca loira, blusa vermelha e colants de leopardo que tinha subido com Pedro Sanga no elevador. *Josefine, mon amour, viens ici!*, disse ele, entusiasmado, na língua de Verlaine. *Quero apresentar-te um grande amigo, andou comigo no maquis, o Pedro Sanga. Acabámos agora mesmo de fechar um grande negócio!... Venham!, venham! Vamos até ao terraço!* Abriu uma das portas de correr e levou-os até ao terraço, não sem antes pedir à

secretária que lhes levasse uma garrafa de champagne e três taças, o que, embora previsível, tinha de ser acrescentado. Do terraço, avistava-se inteiramente, como já Funje com Pão tinha dito a Pedro Sanga, a Avenida Marginal, em toda a sua majestade, e, à frente, a Ilha de Luanda. Do lado esquerdo, podia divisar-se a Cidade Alta e a Maianga e, continuando a dar a volta, os primeiros edifícios da Sagrada Família e da Avenida dos Combatentes, até a vista alcançar, por fim, o morro do Miramar caindo perigosamente sobre o porto. Pedro Sanga teve a estranha sensação de que já tinha estado naquele lugar ou, então, que já tinha passado por uma experiência semelhante. Mas de repente, e antes que pudesse esclarecer essa dúvida, sentiu asco. Apenas teve tempo de correr e agarrar-se a um dos parapeitos do terraço, começando a vomitar sem parar, cada vez mais agoniado. Enquanto o seu vômito se espalhava, ajudado pela brisa, pelas ruas adjacentes (*Sem ninguém reparar*, intromete-se mais uma vez o narrador, apenas para suscitar uma eventual reflexão final), Pedro Sanga mal escutou o Camarada Excelência perguntar-lhe, jocosamente: — *Epá, não me digas que as alturas te fazem enjoar?!*

Tio, mi dá só cem

Tio, mi dá só cem, só cem mesmo pra comprar um pão, tô então com fome, inda não comi nada desde antesdontem, os outros miúdos mi caçambularam com ele o ferro que um muata me deu, eu lhe vi quando ele chegou com a garina, parecia então filha dele, ou neta, sei lá, meteu o carro lá bem no fundão perto das pedras, eu dei um tempo, contei nas mãos, eu então sei contar tio, também andei na escola, cheguei até na quarta, a, bê, cê, dê, um, dois, três, quatro, num é assim tio, é assim sim senhor, não ri, foi o meu professor é quem disse, lá no mato adonde eu estava antes de vir aqui em Luanda como deslocado, uns dizem é deslocado, outros porque é refugiado, essas palavras nós no mato na nossa escola mesmo nunca que lhes vimos, nem ouvimos, contudo, porém, lá no mato a gente não conhecia essas palavras mas também não estava a comer, só aqui mesmo é que andamos a comer, ai, estás a rir tio, num ri então, tu não sabes que tem comida de refugiado, de deslocado, de roto e esfarrapado, de desgraçado, lhe procuramos todas as noites nos contentores, lutamos,

nos aleijamos, encontramos mesmo boas coisas, ossos de galinha assim com umas tiras recicláveis, sim, tio, recicláveis, esta palavra aprendi com uns moços que costumam aparecer por aqui, chegam de motocicletas, dizem, nós somos da Juventude Verde, eu acho esquisito pois no meio deles só vejo pretos, mulatos, tem até uns branquinhos, dizem temos aqui umas mudas de árvores pra vocês plantarem, nós lhes olhamos então de uma maneira que eles não entendem, são burros, muxoxamos entre nós árvores, árvores, queremos masé pancar, estamos embora com fome, com bué de fome, a nossa fome é tão grande que somos de capazes de matar estes moços verdes, todos eles bem nutridos, bonitinhos, bem cheirosos, o melhor mesmo é voltar a vasculhar os nossos contentores, às vezes mesmo encontramos coisas boas, carne de vaca moída que até não é preciso lhe mastigar mais, é só engolir e pronto, pedaços de pão todos esburacados parece levaram tiros, latas de cerveja, latas de gasosa, latas de sardinha, latas de atum, latas de feijão, latas de frutas, latas de doce, tantas latas, tantas, que eu acho que o mundo é uma granda lataria, o problema é só os ratos, os cães, os gatos, os sacanas são mesmo atrevidos, temos de lhes dar berrida, outro dia o Filipe disse esses filhos da puta estão-nos a fazer concorrência desleal, eu ri só, muito embora que não sei o que é desleal mas ri só, porque nesse dia também não tinha comido, pensei, porra, um dia inda apanho uma dessas ratazanas que parece que comem gatos e faço um bruto churrasco, como só um bocado o resto vendo como pinchos, se eu tivesse feito isso hoje não precisava de lhe pedir tio, mi dá só cem, só mesmo cem, tio, vergonha é roubar não é pedir, não como nada desde antesdntem, nem mesmo um pão todo furado misturado com lí-

quidos, bichos, cheiros, merda, não, porra, não mi goza só, os meus amigos me roubaram o dinheiro que o muata mi deu, eu contei nos dedos das minhas mãos, calculei o madiê essa hora já deve ter o caralho fora das calças, já deve estar a pedir na miúda pra lhe chupar, se calhar ela nunca que tinha visto uma cassete pornô, mas também o que é que eu tenho a ver com isso, nada, tio, nada, eu mesmo já estou completamente fodido da minha vida, como naquele dia, juro mesmo, estava com uma fome filha da puta, deixei o muata manobrar o carro com as luzes apagadas, encostar mesmo nas pedras, desligar o motor, dei um tempo, contei nas minhas mãos até dez, então aproximei-me do carro quase sem respirar nem pisar o chão, eu não andei só na escola, tio, também sei caminhar em cima das águas como Cristo, o padre é que falou, cheguei assim no vidro, bati uma vez, o tipo não abriu, bati duas vezes, mesma coisa, pensei esse cabrão não me conhece, só porque é muata acha que eu sou burro ou quê, comecei a bater sem parar nos vidros, nas portas, no capô do carro, o gajo saiu todo esbaforido, nem reparou que a pila ainda estava de fora, inda por cima, tio, ah, ah, ah, o pau dele era tão piquinininho como o meu, ah, ah, ah, coitada da miúda, pensei eu, se tem de começar a foder porquê que é não é com uma piça de jeito, antes que o muata abrisse a boca apontei-lhe a minha pistola, falei assim a minha voz quase não se ouvia, tio, mi dá só cem, a mão estava firme na kilunza mas a voz era um pequeno fio, os olhos parados, mortiços, como se fora um bicho, eu sou um bicho, tio, um bicho desgraçado, mas assim de kilunza na mão parecia masé um comandante, berrei então no muata, o kinjango dele continuava fora das calças completamente murcho, todo ele mole, indigno de qualquer menção, põe essa merda

pra dentro, porra, põe se não capo-te aqui mesmo esta hora, xé, meu, a tua mulher sabe que você estás aqui com a tua neta, essa miúda tem idade pra ser tua neta, caralho, a tua mulher sabe, anh, sabe, anh, vá, pra dentro, pra dentro, juro mesmo, tio, o muata parecia um cagão, recuou devagarinho, calma, canuco, calma, cuidado com essa arma, vamos conversar, quanto é que tu queres mesmo, cem, só cem, toma, podes contar, está aqui um milhão, baixa a arma, ah, abaixa a arma, o gajo pensa que eu sou do mato ou quê, pra dentro, berrei mais uma vez, pra dentro, o tipo deixou-se cair no assento do carro, reparou pela primeira vez na pila, fechou apressadamente as calças, esticou a camisa duas vezes, mi dá só cem, disse eu, o cano da kilunza já estava encostado na cabeça dele, a minha voz continuava fraca mas o pulso, juro mesmo, tio, eu não sei então explicar porquê mas o pulso estava cada vez mais forte, nem só um tremor, parece é da gasolina que cheirei toda a tarde pra esquecer a fome, o pulso estava firme pra compensar a voz que estava fraca, mi dá só cem seu filho da puta, mi dá só cem, o gajo sabia o fio da minha voz era enganador, tirou só os documentos, eu deixei, tio, deixei pois no fundo sou um canuco porreiro, não gosto de fazer mal a ninguém, então porquê que todos me fazem mal, um dia ainda vou descobrir, tio, juro mesmo, tio, ainda vou descobrir porquê que todo o mundo me faz mal, o madiê atirou a pasta com todo o cumbu dele para a frente do carro, eu não me mexi, liga a chave seu cabrão, encostei um pouco mais o cano da pistola, mas não arranca sem eu mandar, de repente, tio, eu também não sei explicar isso, eu não tinha pensado nada, só queria mesmo cem pra comprar um pão, mas de repente, foi mesmo de repente, juro, eu não queria, olhei na garina toda encolhida no

outro banco, devia ter quinze anos, nem bonita, nem feia, mas tinha uma mini-saia quase sem saia, era só mini, as coxas já formadas, olhei-lhe bem, parecia um animalzinho perdido na floresta, podia ser minha irmã, tio, eu desde que vim em Luanda por causa da guerra não sei mais onde estão as minhas irmãs, mas aquela garina poderia bem ser minha irmã, de repente tive vontade de chorar, não sei se o tipo reparou mas eu agi mais rápido, aponte a pistola na direcção da miúda e disse tu ficas aqui, vá, sai do carro, não tenhas medo porra, este cabrão não te vai fazer nada, se ele quer foder que foda a mulher dele lá em casa, vá, garina, sai do carro, e tu, meu filho da puta, quieto, quieto se não dou-te cabo dos miolos agorinha-agorinha, de repente, tio, eu mesmo não sei explicar nada pois as coisas aconteceram muito depressa, o muata berrou Aninhas, não sai, e baixou a cabeça pra escapar do cano da kilunza ao mesmo tempo que esticava a perna esquerda pra fora atingindo-me os joelhos, eu desequilibrei-me um pouco, ah, tio, mas nessa tarde eu tinha cheirado muita gasolina, o meu pulso estava firme, nem um tremor, tio, nem um remorso, tio, quando abri os olhos a cabeça do muata estava debruçada sobre o volante toda rebentada, o sangue jorrava-lhe da testa até no tapete formando um pequeno lago cada vez maior, a garina estava totalmente encostada no outro lado do carro encolhida sobre o seu medo, paralisada pelos seus próprios gritos, sem forças sequer para abrir a porta e desaparecer, teria sido melhor se ela desaparecesse, tio, mas ela não desapareceu, parece estava à procura do azar dela ou então alguém lhe mandou para desgraçar ainda mais a minha vida, eu rodeei o carro, abri a porta dela e disse vamos embora daqui, miúda, os anti-motins vão chegar, só que ela em vez de me obede-

cer teve uma reacção estranha, lançou-se contra o meu peito, começou a arranhar-me, a dar-me bicos nas canelas, mataste o meu amigo, mataste o meu amigo, ele ia mi colocar, ia mi dar um filho, enquanto berrava as lágrimas caíam-lhe pelo rosto, de vez em quando ela tentava tirar-me a pistola da mão, calma, dizia eu, calma garina, ele é que pediu pra morrer, quem lhe manda reagir, eu só queria cem pra comprar um pão, mas ele deu-te o cumbu todo, porquê que lhe mataste, esta pergunta deixou-me estupefacto, tio, como é que eu lhe ia explicar que não era só uma questão de cumbu, pois a minha vida é deverasmente mais complicada do que isso, então disse-lhe, nas calmas, quem lhe manda te trazer aqui pra te foder assim no meio da rua, a garina olhou pra mim como se eu fosse um ser do outro mundo ou então um artista de televisão, tens com nada, perguntou, tens com nada, eu fiquei à toa, a minha força ameaçou desaparecer das minhas pernas, a cabeça ficou escura por dentro, então agarrei-lhe os pulsos e encostei-lhe no meu peito, a pistola caiu na areia da praia, eu nem olhei, senti só as lágrimas dela se misturarem com os meus pêlos, abracei-lhe com força, as minhas lágrimas também começaram a sair devagarinho dos meus olhos, de repente comecei só a lembrar um monte de coisas, por exemplo, um dia lá em Chitepa estava eu mais os meus dois irmãos menores, eu olhei pra eles e disse qualquer dia vou em Luanda ver o mar, eles riram pois sabiam o nosso velho jamais que ia deixar, mas nesse dia entrei no avião do PAM como refugiado, ou deslocado, sei lá, vim mesmo aqui em Luanda, o meu pai ninguém tinha notícias dele, parece tinha ido na lavra há três dias, mas ainda não voltara no dia em que entrei no avião e comecei a berrar os meus pais lhes mataram nos ban-

didados, mi levem só, eu já não tenho mais pais, os nomes, anh, os nomes, o meu pai é António Canivete João, a minha mãe, Andua, mas os dois já morreram mesmo, mi levem só, não sei se o meu pai já sabe que eu agora também sou caluanda, quando cheguei fiquei um pouco assustado mas logologo controlei a situação, primeiro puseram-me num lar de padres mas no terceiro dia fugi, agora estou aqui na Ilha, tenho o meu buraco, saio de dia pra fazer uns biscates, de noite fico mesmo aqui a controlar os carros que chegam pra fazer sacanagens, eles nem reparam quando eu me aprochoo silenciosamente deles, digo, tio mi dá só cem, alguns saltam como cabritos do mato à procura da camisa ou das calças, as garinas se encolhem todas, tapam os olhos com as mãos, de repente ficam mais caladas do que se fossem mudas, mas eu finjo que não estou a ver nada, repito, tio mi dá só cem, estendo gentilmente a mão, às vezes espero uma eternidade, mas a maior parte dá logo pra me despachar, os mais renitentes eu tiro a kilunza e pergunto estás surdo ou quê, dá lá cem se não te furo já aqui, eu estava a lembrar, tio, a miúda cada vez mais encostada no meu peito, ouvi a voz da minha mãe, os gritos da minha mãe, o desespero todo da minha mãe quando os homens lhe violaram, um, dois, três, quatro, cinco, seis, depois lhe espetaram a baioneta na cona, lhe puseram gasolina e lhe incendiaram com fogo, eu e o meu irmão mais velho estávamos escondidos no capim atrás da casa, vimos tudo, queríamos socorrer a nossa mãe mas fugimos, fugimos, fugimos até que encontrámos a tropa, desde então costumo escutar a voz da minha mãe dentro da minha cabeça, surge só assim de repente, nos piores momentos, quando tenho mais vontade de morrer, como naquela noite em que furei o muata do Mercedes e agora a

miúda dele estava nos meus braços totalmente fragilizada, pensando talvez que eu tinha muita força só porque tinha uma kilunza e tinha despachado o velhote dela, o que ela não sabia é que eu estava mais fragilizado do que ela, a minha cabeça estava longe lembrando o dia em que decidi fugir de Chitepa, era um dia normal, igualito aos demais, ninguém viu sinais estranhos no ar, o meu pai recebeu umas visitas, foram num canto da sala, beberam cachipembe, conversaram baixinho, ninguém que ouviu nada, depois quando as visitas saíram ele disse vou na lavra, três dias que passaram e ele nada, a minha mãe já tinha morrido, os meus irmãos andavam só à toa, parados, sem fazer nada, eu perguntava estão à espera do pai mas eles não respondiam, o olhar deles era branco, pareciam mulojos, as minhas irmãs se arrastavam no chão cheias de ranho, moscas, lágrimas, era a fome, tio, o mundo lá em Chitepa era só fome e silêncio, só ficaram velhos e crianças, as mulheres que escaparam de ser violadas como a minha mãe foram sequestradas em plena luz do dia, os homens diziam vou na lavra e desapareciam, então eu tomei uma decisão, não espero mais, bazei no avião do PAM e pronto, depois que cheguei em Luanda, uns meses depois, apareceu um primo meu como irmão, me disse o tio António foi na UNITA, mano, eu não senti nada, nem tristeza, nem alegria, nada, tio, depois quando estava sozinho perguntei mas quem é o meu pai, ele já foi na lavra há tanto tempo, não me lembro mais dele, só recordo mesmo a minha mãe, lhe foderam, lhe espetaram a baioneta na cona e depois ainda por cima lhe queimaram, porra, tio, como é que o meu pai foi na UNITA, como, então decidi esquecer tudo, nem nome tenho, me chama como o tio quiser, mas naquela noite em que apaguei o muata com três balázios na cabeça a miúda dele me

fez lembrar as minhas irmãs, ah, tio, às vezes tenho saudades mesmo, mas só delas, por isso naquela noite afastei ligeiramente a garina com toda a doçura que ainda me resta, mas também com amargura, levei-a para longe do corpo morto daquele filho da puta, sacana, velho sem vergonha, fomos na praia, tirei-lhe a roupa, fodi-lhe, fodi-lhe, fodi-lhe, parece que não estava a lhe foder mas a vingar-me do mundo, ela não dizia nada, só chorava e ria, de repente começou a gritar mi dá um filho, mi dá um filho, eu gritei com ela porquê pai, porquê pai, quando acabámos descansámos um bocado na areia, cada um para o seu lado pra saborear mesmo tudo, depois levantámos sempre em silêncio, mergulhámos neste mar de Luanda, nadámos, brincámos, nos lavámos bem, quando saímos eu disse assim pra ela vai então embora, garina, isto não é vida pra ti, ela pegou nas coisas dela e desapareceu até hoje, tio, não deixou nenhum rasto ou sombra, só marcas, tio, muitas marcas, fundas, dolorosas, parecem facadas no coração, eu não consigo lhe esquecer, tio, só a saudade é pior do que a fome, eu não como nada desde antesdntem, nesse dia matei um homem e fodi pela primeira vez uma mulher, agora ela foi embora, fiquei outra vez sem nada, sem pai, sem mãe, sem irmãos, não sei se sou deslocado, refugiado ou outra coisa qualquer, não sei se amanhã vou acordar, se hoje terei de matar outra vez, se a televisão vai aparecer, se os moços verdes virão, se a carrinha da sopa vai passar, é de mais, tio, eu não aguento, mi dá só cem, tio, estou com bué de fome, não, tio, não diz que não, tio, a minha garina foi embora, a minha fome é do tamanho da minha dor, eu tenho muita vontade de chorar mas ainda tenho uma kilunza na mão, tio, porra, não me provoques, você ouvistes bem, não me provoques, tio, mi dá só cem, mi dá só cem mesmo, tio.

Natasha

Natasha Pugatchova deixou as ruas cobertas de neve, as conversas da avó sobre os ursos brancos de uma infância que ela não conhecia, as recordações do avô sobre os seus feitos na Segunda Guerra Mundial, os impraticáveis sonhos das suas amigas adolescentes e uma fria sombra que, sem saber como nem porquê, se lhe infiltrava nos ossos, no sangue e na sua própria alma estupefacta e inquieta (o que pode ser traduzido, simplesmente, por angústia) e veio a correr, sem pensar que, como diz a canção, «a vida é um moinho» (muitas vezes trágico, acrescento eu), para Angola, atrás de Adão Kipungo José. O presente relato pretende dar conta aos leitores, o mais objectivamente possível (logo, sem qualquer espécie de envolvimento emocional), das vicissitudes que a levaram a empreender essa viagem absurda, embora — apoiado, confesso, no cínico ditado popular segundo o qual quem fala verdade não merece castigo — esteja à partida francamente tentado, se disso for capaz, a encontrar uma justificação qualquer (romântica, pragmática ou de qualquer outro tipo) para essa

decisão da personagem. Se o lograrei ou não, isso apenas poderá ser avaliado no final da estória.

Como é lógico, a primeira pergunta que se impõe é a seguinte: porquê que Natasha Pugatchova abandonou o cinematográfico cenário, embora demasiado branco e frio, que descrevi no início e desembarcou com todas as suas bagagens, mas totalmente desarmada, nesta terra infestada de negros, calor, mosquitos, guerras e epidemias? Na verdade,

ele tem uma coisa preta que me deixa louca, tão diferente de tudo o que eu conhecera antes e até do que eu esperava, as minhas amigas sempre me tinham dito, parece que os negros têm uma pila inacreditável, temos de experimentar, quando eu lhe perguntei ele não confirmou nem desmentiu, apenas soltou uma gargalhada meio despropositada, mas na altura até isso me excitou terrivelmente, quando dei por mim já o tinha completamente dentro das minhas entranhas, nem tive tempo de apreciar o tamanho daquele músculo inusitado que de repente me punha toda do avesso, o que é isso?, perguntei, a minha lança!, respondeu ele, a minha lança!, algum tempo depois ele disse-me que era filho de um caçador africano e então eu compreendi porquê que ele chamava lança à sua coisa preta, de tal modo que, dali para a frente, nunca mais deixei de experimentar um gozo estranho sempre que empunho (literalmente) a sua lança fantástica para introduzi-la em mim, interrogando-me ainda hoje se não será esse, igualmente, o prazer experimentado pelos cristãos quando se auto-flagelam ou pelos samurais quando se suicidam.

Foi só isso, Natasha? Deixaste tudo, a translúcida visão da neve, o aroma dos ciprestes, a presença calorosa e tutelar dos avós, os ursos brancos, os extraordinários sonhos juvenis, os temerários planos

subversivos, apenas por causa de uma lança metafórica? (Que os assépticos críticos pós-modernos me perdoem estas desnecessárias intromissões da poesia na narrativa, mas nós, caluandas, não resistimos ao encanto dessa espécie de «gongorismo catetense» chamado ambaquismo...)

No princípio, realmente, tudo se resumia ao estranhamento sexual, mas hoje eu percebo que esse estranhamento correspondia, em grande medida, àquilo que eu própria esperava, em função dos comentários das minhas amigas acerca da virilidade dos africanos. A verdade é que todos nós avaliamos os outros com base em determinados esteriótipos que, não se sabe bem como, são forjados ao longo do tempo. Por exemplo, não é à toa que, para nós, todos os judeus são avarentos e os portugueses, tristes... (O que é que dizem dos russos? Ah, isso vocês é que terão de descobrir...) É por isso que, quando conheci o Adão, eu já estava pronta a ser surpreendida, se é que isso não é uma contradição... Aliás, eu apercebi-me rapidamente que o estranhamento era mútuo, pois ele era muito pouco imaginativo em termos de, digamos assim, alternativas amorosas, pelo que — posso dizê-lo — eu é que lhe ensinei muitas coisas que hoje fazemos normalmente. Talvez por isso, isto é, por causa dessa cumplicidade, é que continuamos juntos até hoje, apesar de todas as desilusões que tive desde que cá cheguei...

Devo confessar aos leitores, aqui, que, quando conheci Natasha Pugatchova, não acreditei, francamente, no que estava a ver. Eram sete horas da manhã e eu regressava a casa, depois de ter feito o meu matutino — um requisito pequeno-burguês ao qual aderira recentemente, para tentar amenizar essa protuberância que afecta os homens da minha idade

e que é chamada, carinhosamente, de «barriga de cerveja». Ela caminhava a pé ao lado da Estrada de Catete, na direcção do bairro da Terra Nova (nome, diga-se, absolutamente nada condizente com o seu aspecto), com um enorme bidon de água na cabeça. Não era a única, claro: uma quantidade enorme de mulheres, jovens e crianças (nessa época, os homens tinham o hábito de, digamos assim, delegar certas tarefas que consideravam mais chatas a esses grupos habitualmente qualificados como «mais vulneráveis»), igualmente carregando na cabeça ou empurrando bidons de água de diversos tamanhos, formatos e cores, cruzava-se com ela em várias direcções, em filas desordenadas e irregulares, formando uma espécie de rosa-dos-ventos fantasmagórica. Se fosse possível deixar de me sentir pessoalmente envolvido por aquele cenário miserável, assumindo diante do mesmo um mero posicionamento estético, eu poderia pensar, simplesmente, que se tratava de um filme italiano do pós-guerra, com a diferença de que a tez dos figurantes era claramente mais escura — passe o trocadilho tão óbvio! — do que o habitual na referida cinematografia... Foi por isso, justamente, que a figura de Natasha Pugatchova me chamou a atenção, de uma forma inaudita. Só não me belisquei, pois sei que isso é conversa. Mas abri bem os olhos e acompanhei a trajectória daquela jovem completamente branca e loira, com toda a pinta de eslava, de vestido florido colado às curvas insinuantes do corpo, embora sem rabo, chinelos de plástico e um bidon metálico carregado de água na cabeça, até perdê-la de vista. Quebrado o encanto que me tinha transformado, durante alguns minutos, numa autêntica estátua de sal (eu, que não sou eslavo, fiquei mais branco do que a estranha mulher que acabara de dobrar a esquina da

Estrada de Catete com a Rua dos Congolezes!), comentei com os meus botões, porra!, mais um angolano que enganou uma filha alheia!..., mas

não, não, não é bem assim! Eu não lhe enganei nada! Aliás, o senhor não quer saber porquê que muitos de nós casaram com russas? Em primeiro lugar, porque elas ficavam completamente à toa com o tamanho dos nossos kinjangos. Acho que, por causa do frio, a pichota dos russos é mais curta do que o normal... Pelo menos era o que se dizia entre a malta!... A Natasha não lhe falou na minha coisa preta? Ah, quando lhe comi pela primeira vez (logo no dia em que nos conhecemos, depois do aniversário do nicaraguense que vivia comigo no quarto; o gajo ainda tentou engatá-la, mas eu fui mais rápido... Ninguém aguenta os mangolês!...), só lhe faltou subir nas paredes, pois, de resto, fez tudo: segurou-me a peça como se estivesse a adorar um deus pagão (*ai, que coisa preta!*, dizia ela, utilizando uma expressão que eu sempre achei meio racista, mas há momentos em que determinados pruridos não têm qualquer sentido...), e, depois de submetê-la a diversos preliminares que eu jamais havia experimentado antes, enfiou-a resolutamente dentro dela, como se quisesse suicidar-se, arranhou-me, gritou, pediu para eu não parar nunca mais, para fodê-la até ela esquecer completamente — é melhor sentar-se... — a Revolução de Outubro e o socialismo... (Não, não faça essa cara, como se eu estivesse a mentir! Era mesmo isso o que ela queria!... Se quiser pode perguntar-lhe...). Enfim, uma autêntica louca! Juro mesmo: eu nunca tinha comido uma branca — e ainda por cima loira... —, mas nem antes nem depois eu tinha dado ou voltei a dar uma foda como aquela! Nesse dia mesmo decidi trazê-la...

Mas ela não é tua mulher?! Como é que tu falas assim? Ora, como é que quer que eu fale? Você nunca viveu no exterior, não é? Então, não pode mesmo saber como é que é o racismo branco... Eu vivi na União Soviética desde os meus onze anos de idade. O Éme mandou-me para lá estudar, pois sou órfão de guerra. Só voltei depois da independência, já com vinte e oito anos. Praticamente, fiz-me homem naquele país. Pode não acreditar, mas não me lembro da minha infância... Dizem que o meu pai era caçador, mas, francamente, não faço a mínima ideia acerca dele!... Ainda hoje, quando me falam nas tradições africanas, eu não deixo de fazer coro — sempre com a maior convicção e veemência possível! —, pois sei perfeitamente que isso me pode ser útil, mas a verdade é que não percebo nada desse assunto. É por isso que ficava altamente chateado quando passava na rua e os russos me chamavam negro, macaco e outras coisas do género; vingava-me — é o termo — fodendo-lhes as mulheres!...

Fanon explica...

Fa... quê?! O mais-velho está mesmo fora do contexto!... As tipas passavam mal, sabe? Na altura, por um perfume qualquer ou uma simples calça jeans, podíamos ter as mulheres que quiséssemos. O que é que você faria no nosso lugar? Não me diga que aguentaria o frio de 50 graus abaixo de zero em jejum... Seja como for — não sei se, depois de tudo o que lhe disse, vai acreditar no que vou revelar, mas é a mais pura das verdades!... —, as coisas, com a Natasha, aconteceram de maneira totalmente diferente. Não precisei de lhe oferecer nada, nem ela me pediu!... Como já lhe disse, foi tudo muito rápido; o Lopéz ainda lhe cantou uma canção de bandido — ele falava russo melhor do que eu —, mas, quan-

do eu apareci, ela não me largou mais durante toda a farra, até que acabei na cama dela... o resto já sabe!... Além da rapidez (normalmente, as angolanas que eu conhecia, pelo menos na altura, gostavam de fazer render o peixe durante alguns dias ou mesmo semanas, o que, às vezes, me irritava deveras!), chocou-me a linguagem que ela utilizou para se referir ao meu órgão sexual, de modos que, à quinta ou sexta vez, tive de lhe dizer que o meu caralho era preto, sim, senhor, mas não era uma coisa: era um ícone da minha ancestralidade, uma perfeita demonstração de que a cultura africana não está morta (antes pelo contrário, como, aliás, ela podia verificar com os seus próprios olhos!), uma herança do meu pai, que era um grande caçador, uma justiceira lança simbólica e outras patacoadas que tais. Isso parece que lhe aumentava ainda mais a tesão, pois ela, segurando-me o pau como se estivesse realmente a empunhar uma lança, desatava a dizer, freneticamente, uma série de coisas que o meu domínio da língua russa não abarcava na totalidade, mas entre as quais eu captava claramente a palavra *África*, *África*. Ainda pensei dizer-lhe que Angola não é bem África, ou melhor, que Angola é uma outra África, que a África, na verdade, não é uma massa informe e grotesca, mas, diante daquelas circunstâncias, achei que não valia a pena e

Chama-me Coisa Preta!, *chama-me Coisa Preta!*, berrava eu, no meio daquela confusão de línguas, idiomas (captou a distinção?), pernas, braços, sexos, lençóis, almofadas, cobertores (conheci-a no Inverno), risos, gritos, suores e outros fluidos. Ela contou-lhe isso, não lhe contou...?

Quando conheci o Adão, entrei, literalmente, num outro mundo. Não, não, já lhe disse que não foi apenas uma questão de cama. Bem, se não disse, pelo

menos totalmente, é porque você ainda não me deixou... Aliás, já agora, diga-me uma coisa: vocês, escritores, são tarados ou quê?! É só sexo, sexo!... Ah, o Sófocles também era assim? Édipo?! Quem era? Um dos mais famosos tarados sexuais da literatura universal? Acho que está a gozar comigo... Bem, adiante... Como estava a dizer, quando conheci o Adão, entrei num mundo completamente diferente de tudo o que eu conhecia. Depois do dia em que fizemos amor pela primeira vez, começámos a sair juntos. Logo no início, fiquei fascinada com o seu jeito, calmo e doce, apesar de um pouco retraído, pelo menos em público (ele não era muito dado a manifestações públicas de carinho, eu achava mesmo que ele era um tanto ou quanto envergonhado, mas depois percebi, observando os colegas dele, também africanos, que era a maneira de ser de todos eles; para mim, isso sempre foi estranho, pois pelo menos o Adão transformava-se completamente, quando estivessemos na cama...). A relação dele com os horários também me impressionou muito. Nunca tinha pressa! Ele tinha uma teoria engraçada sobre isso,

— *É uma questão de ritmo, querida! Ou melhor, de utilização do ritmo... Nós, africanos, usamos o ritmo de outra maneira. Para já, reservamo-lo para momentos especiais: a festa e o amor. São momentos mágicos, quase sagrados, para os quais temos de reservar todas as nossas energias... Não podemos dar-nos ao luxo de desperdiçar o ritmo em actividades prosaicas!...*

mas a verdade é que muitas vezes cheguei a pensar que a sua problemática relação com o tempo, que ele gostava de apresentar como uma manifestação de sabedoria africana, não passava, no fundo, de uma grande irresponsabilidade. A prova disso é que ele

raramente cumpria horários!... Tenho de reconhecer, entretanto, que o Adão, além de um amante especial, era também um farrista incansável. Ah, você acha que isso é defeito e não virtude? Mas você é angolano ou não é!? É que parece que vocês não sabem fazer outra coisa!... Bem, é claro que isso é um esteriótipo, pois o Adão, por exemplo, foi um estudante brilhante... e, além dele, conheci outros... O que quero dizer é que as farras que os estudantes angolanos organizavam eram, para nós, um espanto! De certo modo, e muito embora nunca lhe tivesse confessado isso, eu concordava com o Adão, quando ele dizia que uma farra era um momento mágico, pois eu via com os meus próprios olhos como é que eles se entregavam à música e à dança, até amanhecer... Eu e as minhas amigas não perdíamos uma farra organizada pelos angolanos!...

Onde é que eu aprendi a gostar assim de farrar, se fui para a União Soviética ainda criança? Ora, isso é pergunta que se faça a um angolano?!... A Natasha também quis saber isso. Eu respondia-lhe sempre com um lugar-comum (*Está no sangue, querida!*), pois, realmente, há coisas cuja dimensão e profundidade só podem ser alcançadas por lugares-comuns... Não me diga que você é como ela e também tem medo de lugares-comuns...?

Sabe, realmente, o que é que eu achava mais espantoso? Era a maneira como o Adão, que tinha saído de Angola ainda na infância, participava naquelas festas!... Ele nunca lhe disse qual era a resposta que me dava sempre a respeito disso? Dizia que também não sabia, que estava no sangue, enfim, lugares-comuns... Cheguei a comentar isso várias vezes com as minhas amigas, mas as respostas delas também não me ajudavam, pois limitavam-se a dizer os pretos são

assim mesmo e pronto... Se a minha vida não tivesse dado tantas voltas, eu queria aprofundar esse assunto, pois, não sei porquê, essa noção, digamos assim, biológica da cultura causa-me arrepios... Naquela altura, porém, o que nós queríamos era divertir-nos!...

É claro que elas não faltavam às nossas farras! Também, pudera!, as nossas farras tinham sempre comida e bebida à vontade, boa música, bom ambiente... quem resistiria? Era preciso não ter sangue nas veias... E as russas têm, posso garantir-lhe! Não sei de onde é que elas tiraram a ideia de que nós, os negros, somos uns fodilhões do caralho (esta expressão ou é um pouco ambígua ou então é o máximo da redundância, não acha?), de modos que não descansam enquanto não nos tiram todo o tutano. Eu falo por experiência própria...

Insisto na pergunta, Natasha: foi só isso? Refiro-me ao sexo, ao jeito poético e irresponsável com que o Adão encarava a vida (ah, ele ficou pior depois que voltou para Angola? Se calhar, não é apenas uma questão de sangue...), aparentemente diferente do seu... Isso é importante, claro, até porque as diferenças só assustam quando não encantam... Mas ninguém abandona o seu país, a sua cultura, a sua família e os seus amigos e vai atrás de alguém tão diferente, mas também tão desconhecido como era para si o Adão, apenas por causa disso!...

Já lhe disse que elas passavam mal! Ela nunca lhe contou que

naquele tempo, a situação na União Soviética era muito complicada. As pessoas não tinham dinheiro e, mesmo que o tivessem, não havia praticamente nada nas lojas. Além disso, a liberdade era uma espécie de sonho extremamente distante e inalcançável. O próprio

ar que respirávamos era policialesco, se é que posso usar esta imagem... O que vou dizer não significa que eu tenha qualquer complexo de culpa, até porque, obviamente, já nasci depois da Revolução e, portanto, não tinha nenhum termo de referência para comparar a situação que vivíamos com outra realidade qualquer; mas, para mim — e para muita gente —, tudo aquilo não podia — nós sentíamos que não podia — ter nada a ver com o socialismo! Só havia uma solução: sair do país...

Eu não lhe disse!? *Faz-me esquecer tudo!*, dizia-me ela. *Leva-me daqui!* Já lhe contei isso... Vê como não lhe menti quando lhe disse que, por mim, ela estava disposta, inclusive, a esquecer a gloriosa Revolução de Outubro? Não sei se era propositado, mas ela dizia-me essas coisas sempre que estávamos em pleno acto. Evidentemente, eu respondia que sim, que a faria esquecer tudo, que a levaria comigo até ao fim do mundo, se fosse preciso... Na cama, nós, homens, só não prometemos aquilo que por acaso não nos vem à cabeça!...

Não pense que foi fácil. O meu avô tinha sido herói na Grande Guerra Pátria e o meu pai era dirigente do partido na minha aldeia. Eu fui educada com base na crença de que socialismo e futuro eram duas palavras sinónimas. Por isso, quando, diante de todas as dificuldades do presente, a própria ideia de futuro, mais do que desconhecida, se começou a tornar, para mim, verdadeiramente insuportável, comecei a desconfiar do socialismo. Mas era uma desconfiança difusa, cujos contornos eu era incapaz de formular com clareza... Era assim... digamos... uma espécie de sombra que me assaltava o coração a toda a hora, perante os mais pequenos factos do dia-a-dia... Mas, sabe que mais? Até hoje me interrogo porquê que,

precisamente naquele dia, pedi ao Adão para me trazer com ele para Angola...

Francamente, se ela não sabe, eu também não lhe posso dizer com certeza absoluta que sei. Desconfiar, desconfio, é claro... mas tenho receio de ser injusto com ela... Naquele dia,

ele disse-me que o pai dele tinha sido um grande caçador numa província no leste de Angola, cujo nome não fixei com clareza. Na realidade, eu desconhecia completamente o próprio país. Segundo o Adão, Angola era um grande país africano, que tinha sido colonizado pelos portugueses — um povo que eu também não conhecia muito bem... —, com cidades seculares e, sobretudo, muitas riquezas: petróleo, diamantes, ouro, ferro... Confesso que, naquela altura, pensei que tudo isso não passava de gabarolices juvenis, mas quando ele disse que os angolanos, pelo valor de uma grade de cerveja, podiam viajar até Katmandu e outros lugares tão misteriosos como esse, não resisti e comecei-lhe a pedir para me trazer para Angola, enquanto ele, com a sua diabólica coisa preta dentro de mim, me fazia gozar uma vez atrás da outra.

Mentiras piedosas! Juro mesmo: foram apenas mentiras piedosas!... É claro que eu lhe contei algumas estórias... quer dizer... dourei a pílula, como dizem os tugas! Também, diga-me: queria que eu lhe dissesse que Angola é uma merda?, isto é, Angola não é bem uma merda, vocês, os que mandam, é que a fizeram assim!... Não tive, portanto, outro remédio senão dizer-lhe umas quantas mentiras piedosas, como manda, digamos assim, a etiqueta... O problema — vou-lhe dizer a verdade — é que eu também a amava. Não sei bem como é que isso começou (desde os gregos, pelo menos — será que não havia angolanos

ou outros africanos antes dos gregos? —, que os seres humanos andam à procura da resposta a essa e outras perguntas, sem jamais o conseguirem), mas o facto é que, de repente, a sua imagem começou a interpor-se obsessivamente, todos os dias, a toda a hora, nos momentos mais estranhos e até mesmo despropositados, entre mim e a realidade, de tal maneira que eu passei a ter sérias dificuldades em distingui-la da própria realidade e, sobretudo, dos meus projectos em relação a essa realidade. Quer dizer, eu compreendi logo que não podia mais viver sem ela!... Comecei, por isso, a alimentá-la de fantasias. Pra já, contei-lhe umas estórias mirabolantes a respeito do meu pai, que era um caçador tchokwê, mas que na realidade eu não conheci. Certo dia — parece que as mentiras são como as cerejas... —, cheguei mesmo a dizer-lhe que a minha família tinha ligações com a nobreza tradicional do Reino da Lunda e que, portanto, e apesar de eu ser negro, me corria sangue aristocrático nas veias... Por outro lado, pinte-lhe um quadro acerca de Angola mais cor-de-rosa do que um prospecto turístico, falei-lhe das praias, do pôr do Sol, da palanca negra, da welvitchia mirabilis, do petróleo, dos diamantes, do café, do jindungo... Espere! Será que...?

Um dia ele disse-me que tinha uma fazenda maior do que muitos países europeus e onde cultivava uma especiaria rara chamada jindungo (agora já pronuncio esta palavra correctamente, embora não me tenha conseguido habituar, depois de oito anos, ao seu sabor arisco, talvez devido a todos os equívocos que aconteceram na minha vida por causa dela; por isso mesmo, nunca o utilizo na comida, pois normalmente só me dá cabo dos intestinos...). Eu não conhecia essa nova especiaria, o que, dada a minha absoluta

ignorância em relação à África, não era de estranhar. Por isso, não desconfiei de nada. Nem sequer achei exagerados, na altura, os fantásticos relatos que os amigos do Adão faziam da sua roça de jindungo, sempre que o assunto viesse à baila... Tenho de confessar, mesmo, que comecei a ficar entusiasmada com a possibilidade de apreciar as extraordinárias plantações que eles me descreviam e não via a hora de embarcar para Angola com o Adão, mal ele terminasse a licenciatura, para tomar posse do desconhecido reino que ele me abria, tal e qual a sua coisa preta me abria o ventre e o fazia explodir de prazeres e cores que ele jamais experimentara!... Como já lhe disse, as coisas na União Soviética estavam muito complicadas, naquela época, e, embora eu ainda fosse muito jovem e não percebesse bem porquê, sentia-me absolutamente sufocada. Eu tinha de sair dali! Imagine, pois, como é que fiquei quando o Adão concordou em trazer-me para Angola, assegurando-me uma vida completamente nova em todos os aspectos e jurando que eu seria sempre a mulher da vida dele!...

Eu não lhe disse? O kinjango dos angolanos contribuiu mais do que o Gorbachov para a queda do muro de Berlim... Pode escrever!...

Não seas abusado!... Desgraçaste masé uma filha alheia!... Essa estória da plantação de jindungo é o cúmulo da irresponsabilidade... Além disso, como é que trazes uma estrangeira para Angola, com todas as makas que o país tem, e, mal chegas, arranjas logo uma segunda mulher?!...

Quando eu soube que ele tinha arranjado outra mulher, quis fazer as minhas malas e voltar imediatamente para a Rússia. Essa foi a mais terrível decepção que o Adão me fez sofrer! A primeira foi logo quando chegámos a Angola e eu comecei a constatar

que as estórias que ele me tinha contado não passavam — para ser generosa com ele... — da mais pura fantasia. Imagine que, afinal, nem casa ele tinha!... Nos primeiros cinco meses, tivemos de viver na casa de um tio dele, em condições extremamente complicadas. Isso deixou-me muito nervosa e angustiada, pois eu já estava grávida, quando cheguei, e sempre imaginei que o meu filho nasceria num ambiente superespecial, como naqueles filmes de Hollywood que eu e as minhas amigas, na União Soviética, tanto invejávamos, mesmo sem poder vê-los... Felizmente, o Adão conseguiu este cantinho, onde nasceu o nosso primeiro filho — um mulatinho com o nariz e o cabelo do pai!... (Depois tivemos uma menina, bem escurinha, mas com o cabelo lisinho e parecedíssima com a minha avó...)

Mas, então, e o Adão? O que disse ele quando você constatou que ele não era nada um príncipe africano e que o jindungo não era senão um frutozinho terrível para pôr na comida (e que, ainda por cima, segundo você me disse, só lhe provoca os intestinos...)?

Sabe, até fiquei com pena dele!... Obviamente, como não tinha outra saída, disse-me que tinha mentido por amor. *Amo-te terrivelmente, desde o primeiro dia em que nos vimos, pelo que não te queria perder*, disse ele. *Se eu te tivesse dito como é que realmente era Angola e como é que eu vivia, terias vindo comigo?*, perguntou. É claro que também lhe menti e disse veementemente que sim, que para mim isso não seria problema, que ele é que era um mentiroso, que me devia ter dito a verdade, que o amor genuíno deve assentar necessariamente na verdade e outros lugares-comuns. O estranho é que, mesmo no calor dessa feroz discussão, nunca me passou pela

cabeça abandoná-lo e voltar para casa... Será isso o amor?

Acho que sim. «*O coração tem razões que a própria razão desconhece...*» Conhece estes versos?

Mais um lugar-comum, embora com estatuto literário... Mas a verdade é que, apesar de todas as mentiras com que ele me seduziu (ou, quem sabe?, por causa delas...), eu não pensei deixá-lo. Só pensei nisso quando soube que ele tinha outra mulher!... Uma prima dele é que me contou isso, até hoje não sei porquê; mesmo que o tenha feito por uma questão de solidariedade, acho que esse tipo de solidariedade se pode tornar, às vezes, um tanto ou quanto perverso... Bem, isso é o que penso agora, à distância, pois na altura agradeci-lhe a informação!... Segundo ela, a mulher que o Adão arranjava vivia no Bairro do Golfe e era lá onde ele dormia, quando me dizia que tinha de viajar para uma província qualquer, em serviço. Como deve imaginar, fiz uma maka (sabe que gosto muito da contundente sonoridade desta palavra que vocês inventaram?) dos diabos! Naturalmente, o adultério, sob várias formas, existe em todas as sociedades, pelo que, inclusive, há quem diga que não se pode julgá-lo moralmente sem contextualizá-lo, mas tudo isso é fácil de dizer quando não nos toca na carne; quando somos nós as vítimas, o mundo inteiro desaba sobre nós... Foi o que senti, literalmente, quando soube que o meu marido tinha outra mulher, com a qual também tinha filhos! E sabe qual foi a resposta que ele me deu, quando lhe pedi explicações? *Está no sangue!*... Porra! (Desculpe-me, mas foi assim mesmo que eu reagi...) Pensei imediatamente em fazer as malas e voltar para o meu país. Até hoje, francamente, não sei porquê que não o fiz. Amor não pode ser... Ou será?

Depois de todas as sacanices que lhe fizeste, não penses que a Natasha te continua a amar... Talvez esteja acomodada e tenha perdido a vontade de lutar... Isso acontece à maioria dos seres humanos... Ou então tenha medo de não se adaptar mais à vida na Rússia, pois parece que o capitalismo deles é mais selvagem do que o nosso, se é que isso é possível!... Tu próprio deste-me a entender que ela se casou contigo apenas porque desejava abandonar o país dela e também porque tu, digamos assim, exageraste o teu «comercial», embora

o facto de ela ter ficado comigo mesmo depois de ter descoberto que era tudo mentira dê a entender uma coisa diferente, não é isso? Sem se dar conta, o senhor acaba de se contrariar a si mesmo. Está na cara que ela ainda me ama!... Realmente, não foi fácil convencê-la a aceitar a nova situação. Primeiro, menti-lhe, dizendo que tinha sido um acidente, mas que eu já não tinha mais nada com a Inês, a única coisa (bem, *coisa* é maneira de dizer...) que me ligava a ela era a criança que ela tinha tido e que, naturalmente, não tinha culpa de ter nascido, pelo que eu, como pai, não podia abandoná-la, enfim, sabe como é, tentei sossegá-la com umas quantas mentiras de ocasião... Porém, quando já não lhe pude mais esconder o verdadeiro relacionamento que tinha com a Inês, limitei-me a dizer-lhe que estava no sangue, que os homens, em todas as sociedades, são assim mesmo, não passam de caçadores...

— *Porra! Cala-te, Adão! Caçadores de quê!? Caçadores, uma merda!... Só falta invocares outra vez a memória do teu pai, que também foi caçador... Não gozes mais comigo, Adão! Desde o dia em que te conheci, só me tens mentido! Convenceste-me a vir contigo para Angola com uma série de promessas e,*

mal cheguei, vi logo que não passavam senão de grotescas fantasias!...

Estou espantado consigo! Então você também não gosta de fantasias? Mas não é assim que vocês, escritores, levam os leitores na curva?!...

— ... *E agora, ainda por cima, arranja outra mulher!... Chega!, Adão, chega! Vou-me embora para a Rússia!...*

Você está a perguntar-me a mim porquê que ela não voltou para a terra dela? Já lhe disse que, contrariamente ao que você pensa, ela ainda me ama. Pense um pouco: quem é que lhe deu este endereço? Não foi ela? Então você acha que isso seria possível, se a situação não estivesse controlada? As duas conhecem-se, falam-se sempre que é preciso e cada uma delas sabe que, quando não estou em casa, estou em casa da outra... E não me venha dizer que a Natasha se acomodou!...

É, talvez tenha razão: parece que me acomodei, mesmo... Depois, sabe, a situação na Rússia está tão mudada!...

Essa sua teoria de que a Natasha se acomodou não está com nada! O que eu vou dizer não é nenhum trocadilho, mas talvez ela seja feliz e não tenha consciência disso... Na verdade, o que muita gente não sabe — ou finge não saber — é que a felicidade não tem um formato *standard*. Cada um, portanto, tem o direito de escolher a sua maneira de ser feliz... Além disso, há um outro aspecto: além de já ter bebido água do Bengo, ela já experimentou a *coisa preta!*...

Afianço aos leitores que não tenho teoria nenhuma. Embora, é claro, tenha as minhas próprias ideias, a minha principal função, como narrador, é transmitir o que os meus olhos observam, o que, entretanto, implica não apenas descrevê-lo, mas também enten-

dê-lo, pois, como ensina um velho ditado, as aparências iludem. A verdade é que, depois que vi aquela eslava loiríssima carregando um bidon de água na cabeça, em plena Estrada de Catete, não descansei enquanto não descobri a casa dela, pois precisava de saber se ela era mesmo real ou se tudo não passava de imaginação minha. Ia caindo, literalmente, para o lado, quando, depois de dois dias de investigação, dei de caras com a casa da Natasha, no fundo de um beco qualquer da Terra Nova, tortuoso, esburacado, cheio de poças de água e de uma série de montes de lixo coroados por bandos de moscas de um verde-azulado intenso, que nem sequer se dignaram afastar-se à minha espantada e temerosa passagem. Quem, como eu, assistiu ao inexorável aviltamento sofrido pela cidade, após a sua libertação, já devia estar prevenido, mas mesmo assim consegui sobressaltar-me: com o seu ar miseravelmente desgrenhado, a pintura completamente desbotada, cheia de fissuras, as portas e janelas todas descascadas e remendadas, a casa era um autêntico monumento à degradação!... Cá fora, duas crianças mulatinhas, uma mais escura do que a outra, brincavam na lama com algo que, no passado, deveriam ter sido brinquedos. A Natasha estava no quintal, pondo a secar umas roupas que ia tirando de uma bacia de plástico colocada no chão. Um rádio suspenso numa velha grade de cerveja atirava para o ar, em altos berros, acordes da célebre canção dos cossacos, Kalinka, competindo com um sungura que irrompia do quintal vizinho. Como devem imaginar, eu tinha preparado mil e uma perguntas, mas, diante do cenário miserável que, de repente — apesar de conviver com ele todos os dias —, se revelou pela primeira vez aos meus olhos, de maneira surpreendentemente dantesca e aterradora, nem sequer consegui

começar. Mais surpreendente ainda foi a resposta da
Natasha ao meu súbito e estupefacto silêncio...

Como é que vim parar aqui? É essa a pergunta
que me queria fazer? É muito simples...